



Heiner Schmitz foi um dos 24 doentes terminais que foram fotografados, na Alemanha, nos últimos dias de vida e depois de terem morrido

Olhar a morte de frente

Um fotógrafo e uma jornalista alemães acompanharam vários doentes terminais. Cada um é retratado em dois momentos: ainda com vida e depois de morto. A exposição AMOR-TE, agora em Lisboa, mostra a importância do apoio médico e psicológico no final da vida

JOANA FERREIRA DA COSTA

Beate Taube sabia que ia morrer. Tinha 44 anos e quatro filhos pequenos. “Se a minha alma puder libertar-se como desejo, hei-de ficar com uma expressão muito pacífica.” Conseguiu. Há uma imensa tranquilidade na imagem desta mulher, momentos depois de morrer com cancro num hospital alemão.

Foi para enfrentar os seus medos que o fotógrafo alemão Walter Schels e a jornalista Beate Lakotta tentaram perceber o que era morrer. Durante mais de dois anos acompanharam os últimos dias de vida de 24 doentes terminais de todas as idades. E fotografaram-nos em dois momentos: ainda vivos e depois de mortos.

“Somos um casal há dez anos e temos uma diferença de idades de 30. Quando nos questionámos sobre os

nossos maiores medos, percebemos que era a morte. Decidimos olhar de forma precisa para esse medo”, conta a jornalista da revista alemã *Der Spiegel*.

Ao longo de muitos meses, Beate e Walter partilharam o fim de vida dos doentes. Conversaram sobre os seus medos e desejos. Deram-lhes a mão. Passaram noites na sua companhia. Convenceram-nos a deixarem-se fotografar depois de mortos. Desse trabalho resultam os textos e as 44 fotografias que desde a semana passada estão em exposição no Museu da Água, em Lisboa. O controverso trabalho foi recebido com uma imensa curiosidade em vários países europeus mas sobretudo na Alemanha, onde parte da actual exposição foi mostrada pela primeira vez em 2003.

As fotografias de Heinz

Muller foram as primeiras. E as mais difíceis. “Disse-me que estava ali para morrer. Mas não quisemos acreditar. Morreu uma semana depois de o ter fotografado”, conta Walter Schels. “Para o último retrato tive de estar muito perto dele, de lhe tocar. Para que a postura e a luz fosse exactamente a mesma da fotografia em que ainda vivia.”

O fotógrafo repetiu estes gestos dezenas de vezes e acredita ter ultrapassado os seus medos. Porque os olhou de frente.

“As pessoas que conhecemos ficavam felizes de ter alguém com quem falar sobre a morte. Os doentes estão assustados e sentem que os amigos e a família têm medo de falar sobre isso”, diz Beate Lakotta. “Acredito hoje que se pode aliviar muito o sofrimento. É uma catástrofe que tanta gente

não tenha acesso a cuidados paliativos.”

Os mesmos medos na vida e na morte

Todos os doentes fotografados - à excepção de duas crianças - morreram em centros de cuidados paliativos na Alemanha. “Quem ali chega sabe que não sairá de lá com vida”, explica o fotógrafo. “As pessoas têm os melhores cuidados médicos e de alívio da dor, mas também psicológicos e espirituais.”

Conseguir criar em Portugal centros onde os doentes terminais e as famílias possam ser acompanhadas e preparadas para enfrentar a morte é um dos objectivos da Amara - Associação para a Dignidade na Vida e na Morte (www.amara-project.org). Além de acompanhar pessoas em fim

de vida, a equipa da associação dá formação a voluntários e profissionais de saúde, mas também a familiares e amigos de doentes terminais.

“O que fazemos é ajudar as pessoas a morrer melhor”, explica Rosie Blandy, da associação. E o que é morrer melhor? “É aceitar que aquela é a realidade e que a morte faz parte da vida. E usar os nossos recursos interiores para viver esse momento.”

Numa sociedade onde a morte continua a ser escondida, é preciso falar sobre ela e vencer o medo. “Os medos que temos na morte são os mesmos que temos na vida”, explica. A maioria dos doentes não quer ser um peso para os familiares, não os quer contagiar com o seu sofrimento, e acaba por morrer sozinha. “Os pró-

CUIDADOS PALIATIVOS

O que são

São cuidados destinados a prevenir o sofrimento motivado por doenças prolongadas e incuráveis, de forma a garantir melhor qualidade de vida dos doentes. Não se destinam apenas a pessoas em estado terminal, mas também às que têm insuficiências ou doenças degenerativas. Além dos cuidados médicos, prevêem o apoio psicológico aos doentes e familiares.

Onde estão

Em Portugal há apenas sete equipas a fazer cuidados paliativos:

- ▶ Unidade de Cuidados Paliativos do Instituto Português de Oncologia (IPO) Porto
- ▶ Equipa de Suporte do Hospital de S. João (Porto)
- ▶ Unidade do Hospital do Fundão
- ▶ Unidade de Paliativos do IPO de Coimbra
- ▶ Unidade de Cuidados Continuados do Centro de Saúde de Odivelas
- ▶ Unidade da Santa Casa da Misericórdia de Azeitão
- ▶ Unidade da Santa Casa da Misericórdia da Amadora

Fonte Associação Nacional de Cuidados Paliativos (www.ancp.pt)

prios familiares estão em crise, a enfrentar a dor da separação. Não sabem o que dizer aos doentes.”

Desde a sua fundação, em 2003, a Amara já deu formação a cerca de 300 pessoas, na esmagadora maioria profissionais de saúde. A ajuda de associações deste género é importante num país onde há poucas equipas de profissionais de saúde a prestar cuidados paliativos (ver caixa). A criação de uma rede de cuidados continuados, há muito aguardada, foi este ano aprovada pelo Governo, que fixou objectivos claros de aumentar o apoio aos doentes terminais ou com problemas incuráveis. A rede deverá funcionar através de parcerias com o sector privado e social.

A exposição pode ser vista, no Museu da Água, até ao próximo dia 28. ■